

— ... sendo os reembolsos imediatos a alma do negócio, estou confiante de que encontrará um meio de me remeter o produto líquido desta operação em letras a sacar em Londres ou Paris...

Trim, trim, trim...

O homem gordo e calvo estende a mão para o auscultador.

— Estou! Ligou para Gray & Filhos...

Enquanto fala, revira entre os dentes um grosso charuto meio apagado. Saliva escura assoma-lhe aos cantos da boca.

Com um tímido olhar de soslaio, Matilde tenta abarcar tudo o que a rodeia. Está numa sala ampla, pintada de claro, coberta por armários antigos repletos de livros de contabilidade e de modernos ficheiros americanos. Um calendário, propaganda de uma famosa marca de tractores agrícolas, com a data do dia, um negro 13. Um negro 13. Mas Matilde não é supersticiosa. Vêem-se duas cuspideiras de porcelana com longos pés de ferro. E o radiador. Há uma janela alta e estreita aberta para um pátio, de onde chega um forte cheiro a álcool e a gasolina. Em baixo, uma garagem.

Algumas gotas de chuva primaveril entram pela janela e caem no pavimento de xisto, expandindo-se.

Chegam murmúrios surdos das candidatas que esperam na sala contígua.

— Não, nós não tratamos desses assuntos. Fale com o nosso representante.

Matilde quase não tem tempo para reler o que já escreveu: «em letras a sacar em Londres ou Paris».

— Vejamos, menina, escreva lá: «Aguardando as vossas gratas notícias, estamos ao vosso inteiro dispor...» E agora ponha o seu nome e morada. Muito bem. Obrigado.

Matilde levanta-se. Acha que não escreveu com grande destreza, mas tem a certeza de que dentro de uns dias... Nestes casos, acontece sempre o mesmo.

— Boas tardes.

— Adeus! Que entre a primeira.

A primeira é uma juvenzinha magra, muito decidida, que, ao passar diante de Matilde, a encara com uma expressão arrogante; que se senta diante da máquina de escrever sem esperar que lho indiquem:

— A máquina é esta?

Matilde passa defronte das candidatas e dirige-se para a escada. Uma escada larga, de madeira apodrecida, que range sob o peso de cada passada como se estivesse à beira de se desmoronar.

Matilde desce devagar. Abre a carteira que ela própria fez com as sobras de flanela azul de um vestido e tira o recorte do anúncio: «Urgente dactilógrafa modestas pretensões.» Deita-o fora. Não serve para mais nada...! Como muitos outros. Quantos anúncios tiveram o mesmo destino durante o Inverno passado? Quantas escadas, quantos escritórios conheceu Matilde nos últimos dez meses? Quantas vezes escreveu o seu nome e morada por baixo de algumas linhas de uma carta comercial e de um timbre azul, amarelo ou preto?

Diante da entrada larga e escura, com montras que ostentam chapéus vistosos, uma mulher certifica-se de que o

número do prédio é o mesmo do anúncio de jornal que traz na mão.

– Menina, por favor, diz-me se é aqui...?

– Sim.

Não é preciso ser muito perspicaz para adivinhar aonde se dirigem os passos fortes e determinados da desconhecida, e Matilde responde: «Sim.» A mulher corre escada acima, acrescentando duas pegadas húmidas aos degraus carunchosos. Não é jovem, nem bonita. Ossuda e alta. Ao falar, exala um hálito desagradável.

Matilde conheceu muitas candidatas com este aspecto e muitas outras com o aspecto contrário. Jovens, limpas, com corpos esbeltos e perfumados, mãos cuidadas e unhas brilhantes. Umas são tímidas, titubeiam ao falar e, ao sentar-se no vestíbulo, escondem os pés debaixo do banco ou da cadeira. Outras irrompem triunfalmente pelo aposento, cruzam as pernas, falam de salários fabulosos, referem escritórios importantes e, às vezes, até fumam um cigarro. Antessalas frias. Mulheres dos mais variados tipos e idades. Sapatos gastos debaixo dos bancos ou das cadeiras; sapatos impecáveis, perna cruzada. «Que entre a primeira.» A esta voz, os sapatos cambados avançam rápidos, suicidas, enquanto os sapatos impecáveis enfatizam um passo estudado, elegante.

De novo sob a monótona chuva primaveril. A água cai sobre a água, formando bolhas sujas.

Apregoam-se os jornais vespertinos.

À porta de um bar, fritam-se filhoses. O homem da frigideira usa barrete, avental e manguitos brancos. As filhoses, douradas e fumegantes, exalam um cheiro agradável a manteiga e a anís.

Matilde olha-as ao passar, sem se deter. Tem vontade de comer. As batatas «viúvas»* do almoço há muito que se dissolveram no estômago. Invade-a uma suave lassidão que lhe amolece os membros. Na carteira de flanela azul, entre um lenço e um frasquinho de perfume vazio, há dez cêntimos. No cérebro, duas perspectivas: uma filhós quente ou uma viagem de eléctrico até Cuatro Caminos.

«Filhoses quentes a 0,10.» O cartaz é enorme, quase tão grande como a Porta do Sol. Sobre automóveis, eléctricos, sobre verdes e azuis de candeeiros, sobre a multidão: «Filhoses quentes a 0,10.» Ocupa tudo.

E Matilde elanguesce de fraqueza.

Um carrinho de mão leva em cima um *sommier*: «Eh, cuidado!» Passa ao largo. E automóveis pretos, azuis, verdes. E eléctricos: o 15, o 14, o 18 e o 17, lá longe, devagar.

Muita gente à espera junto do sinal de paragem do eléctrico: empregados à jorna, funcionários públicos, modistas; o bom marido, com o seu bolo de *chantilly*, «Atenção aqui...»; a mulher humilde com a criança ao colo; a senhora demasiado pesada e o marido...

«Filhoses a 0,10.» O dos manguitos brancos ziguezagueia com um garfo sobre os anéis de massa adocicada que flutuam na superfície da frigideira.

Matilde aperta a carteira azul contra o peito. O seu corpo magro marca um suave balanço sobre a calçada de cada vez que a passagem de um veículo a faz recuar. Numa dessas oscilações, tropeça no senhor do *chantilly*. «Atenção...» Uma mão bem cuidada ampara o pequeno bolo esbranquiçado.

* *Patatas viudas*: prato tradicional castelhano cujo nome resulta do facto de não conter carne nem peixe, e que consiste em batatas guisadas com um refogado simples. (N.T.)

«Filhoses a 0,10.» Sabem ligeiramente a anis e a manteiga. A massa quente — é preciso soprar com força para a arrefecer — dissolve-se depressa no estômago — um pouco mais depressa do que as batatas «viúvas». Algumas partículas da cobertura dourada introduzem-se entre os dentes. Depois, fica na boca uma viscosidade doce e morna...

O 18, o 14 e, logo a seguir, o 17, com o olho eléctrico apagado, doente.

As ruas do percurso são longas, intermináveis, esplendorosas de luz, mas, já no fim, escuras, solitárias. Por elas passeiam casais muito juntos.

O 14, o 17, já perto.

Há uma movimentação geral entre a multidão apinhada. A senhora demasiado pesada, o bom marido a proteger o bolo com a mão estendida onde brilha um diamante.

A rua é longa, longa, e os pés estão molhados pela água que amolece os sapatos gastos. As gotas tamborilam no guarda-chuva sem punho, picado pela traça. De dois em dois minutos, exactamente, uma gota de água fria desce pela face direita de Matilde.

Uma boneca de cera, com a boina de malha caída sobre os olhos — pintura esverdeada, sem brilho —; por cima do braço rígido, um cachecol da cor da boina. Bolinhas, riscas diagonais, fivelas niqueladas, peúgas. A perna perfeita sob a irradiação eléctrica do interior. Os sapatos: brancos, pretos, cinzentos, castanhos. O grande sapato no centro — como um corpo jazente —, iluminado por suaves reflectores laterais. Os frasquinhos de mel, os quadradinhos de manteiga, as caixas de bolachas inglesas, as canecas de chocolate. As jóias fulgurantes. Os medalhões de madrepérola com efigies religiosas, já meio esquecidas. Os aparelhos de rádio, as ventoinhas — «Prepare-se para o próximo Verão» —, os

livros — terrorismo, sabotagem, revolução. E, mais tarde, mais longe, sobre pedras molhadas e lama silenciosa, ao longo de tapumes, gritos impressos a breu:

«Viva a Rússia!», «Operários! Preparai-vos contra a guerra imperialista.» E falta ainda a irrupção na praça suburbana, onde o círculo amarelo de eléctricos gira quase continuamente. Por fim, a ruela de casinhas achatadas, feias, sujas, no interior das quais chora sempre uma criança ou alguém ralha. E lá ao fundo, no campo, o ruído metálico do realejo do parque de merendas, abandonado sob as chuvas da época. Trajecto aborrecido, com os pensamentos por única companhia, pensamentos pesados, pertinazes, familiares; e, às vezes, um cruzamento fugaz com algum operário — guarda-chuva e trouxa com a marmita — ou com alguma velha criada e a sua seira — grãos-de-bico frios, ossos, papéis — sob o braço cansado.